

## Notas de Pesquisa

---

# Narrativas sobre a presença de “alemães” no Paraná após a Segunda Guerra Mundial: possibilidades de pesquisa<sup>1</sup>

Narratives on the presence of “Germans” in Paraná after World War II: Research possibilities

Marcos Nestor Stein<sup>2</sup>  
mancha36@hotmail.com

Esta nota de pesquisa visa apresentar algumas possibilidades de pesquisa a partir de narrativas que identificam, no Estado do Paraná, imigrantes e migrantes como “alemães,” “germânicos” e/ou “teuto-brasileiros”. Trata-se de parte de um conjunto de fontes levantadas antes e durante a realização de uma investigação sobre o estabelecimento, na forma de colônias agrícolas, de nacionais e estrangeiros em território paranaense durante os séculos XIX e XX. Além de organizar um banco de dados sobre o processo de formação das colônias agrícolas<sup>3</sup>, a pesquisa objetiva analisar a produção de identificações para os grupos de imigrantes e migrantes que se fixaram no Estado.

No decorrer do estudo, foram realizados o levantamento e a leitura da bibliografia sobre o processo de ocupação do território paranaense, ocorrido no século XIX e XX, presente na Biblioteca Pública do Estado do Paraná, na biblioteca da Universidade Federal do Paraná e na biblioteca da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. A coleta de fontes foi efetuada no Arquivo Público do Estado do Paraná, na Biblioteca Pública do Estado do Paraná, no Museu Histórico de Entre Rios, em Guarapuava, no Arquivo Histórico da Universidade do Centro-Oeste, no Museu Campos Gerais, localizado no município de Ponta Grossa, e no museu da Colônia Witmarsum, no município de Palmeira.

Entre os materiais encontrados, há relatórios e mensagens dos presidentes da província do Paraná e dos governadores do Estado, relatórios de vários núcleos coloniais, relatórios da Administração Federal dos Núcleos Coloniais, relatórios do Instituto Nacional de Imigração e Colonização e mapas, como o do município de Curitiba, de 1906, e da “Zona Colonizada do Estado do Paraná”, elaborado em 1927.

Além disso, há dois relatórios que foram elaborados pelo engenheiro agrônomo alemão Albert Elfes. O primeiro, intitulado “Campos Gerais: estudo da colonização”, é um estudo publicado em 1973 pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária sobre as diferentes colônias agrícolas instaladas

<sup>1</sup> Este texto é um resultado parcial da pesquisa intitulada “Colônias Agrícolas no Paraná nos Séculos XIX e XX”, financiada pela Fundação Araucária/SETI e CNPq.

<sup>2</sup> Docente do curso de graduação em História e do Programa de Pós-Graduação em História da UNIOESTE, *campus* de Marechal Cândido Rondon, PR.

<sup>3</sup> A expressão colônias agrícolas era utilizada nos relatórios dos presidentes da Província do Paraná, no século XIX, para designar agrupamentos de propriedades agrícolas de estrangeiros e nacionais. As colônias eram organizadas na forma de núcleos de povoamento pelo governo federal (colônias federais), governo estadual ou pela iniciativa privada.

na região dos Campos Gerais do Paraná. O segundo relatório, intitulado “Estudos agro-econômico e social”, foi redigido em 1970 e trata do povoamento da região Oeste do Paraná<sup>4</sup>. Em ambos, encontram-se narrativas que constroem características para os contingentes de imigrantes e migrantes que se fixaram no Paraná. Outras fontes são jornais como *Diário do Paraná*, *Gazeta do Povo*, *Jornal do Estado*, *Voz do Paraná*, *O Município*, *Folha de Londrina*, *Diário da Tarde* e *O Estado do Paraná*, que publicaram, em diferentes momentos, notícias referentes aos imigrantes e às colônias agrícolas do Estado e alguns livros e revistas publicados em contextos comemorativos.

Considerando a grande quantidade de material levantado, neste texto abordarei apenas as narrativas, redigidas após 1945, que constroem uma identidade “alemã”, “germânica” e/ou “teuto-brasileira” para migrantes e imigrantes que se fixaram no Paraná. Trata-se do livro intitulado “O Paraná e os alemães: estudo caracterológico sobre os imigrantes germânicos”, publicado em 1953, e do livro intitulado “Colaboração germânica no Paraná”, publicado em 1980. Tais publicações possibilitam perceber aspectos da ocupação do território paranaense, bem como as formas de constituição de um sujeito coletivo identificado por meio dos seguintes termos: “alemães”, “germânicos” e “teuto-brasileiros”.

Para a análise da construção desta identificação, busco inspiração nas reflexões de Stuart Hall. Ao discutir a construção de identidades, Hall afirma que é “precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora dos discursos que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas” (Hall *et al.*, 2000, p. 109).

A proposta é investigar os mecanismos discursivos que unificam indivíduos que se fixaram em território paranaense em diferentes momentos históricos. Cabe informar que a fixação de migrantes e imigrantes no Paraná ocorreu de forma sistemática após a emancipação do Paraná, em 1853. A maioria dos governantes desta província empreendeu uma política que incentivava a ocupação do território paranaense na forma de colônias agrícolas. No caso dos estrangeiros, temos a entrada de grupos identificados como poloneses, italianos, coreanos, russos, alemães, entre outros (Elfes, 1971; Martins, 1995). Não há dados suficientes sobre o número exato de estrangeiros que entraram no Estado nos séculos XIX e XX. Nadalin (2001) estima que cerca de 116.000 imigrantes se instalaram no Paraná entre 1829 e 1934.

Após a Segunda Guerra Mundial, verifica-se a entrada no Estado de alguns contingentes de estrangeiros. Entre eles estão dois grupos de imigrantes identificados por diversas narrativas como “alemães”, “germânicos” e “teuto-brasileiros”. No município de Palmeira, nos Campos Gerais, em 1951 foi criada a colônia Witmarsum, formada por imigrantes menonitas, que na década de 1930 haviam se estabelecido em Santa Catarina. Também em 1951, em Guarapuava, Centro-Sul do Paraná, ocorreu o estabelecimento dos suábios do Danúbio<sup>5</sup>, grupo oriundo da antiga Iugoslávia, Hungria e Romênia que chegou ao Brasil na condição de refugiados da Segunda Guerra Mundial. Além disso, na região oeste do Estado, verificam-se a chegada e fixação de pessoas originárias do sul do Brasil, com a formação de localidades identificadas em diversas publicações como “germânicas”.

A presença e atuação de “alemães” nesse processo de (re)ocupação de diversas áreas do Estado foi objeto de diversos textos, entre eles os dois livros selecionados para essa nota. O primeiro livro é intitulado “O Paraná e os alemães: estudo caracterológico sobre os imigrantes germânicos”, escrito em língua alemã pelo filósofo alemão Werner Aulich e traduzido por Franz Metzler. Trata-se de uma publicação inserida nas comemorações do centenário da emancipação político-administrativa do Estado do Paraná, em 1953. O livro está dividido em cinco capítulos, em que são discutidos conceitos como “assimilação” e “aculturação” e apresentadas informações sobre a presença de “alemães” e seus descendentes em várias regiões do Estado. No prefácio, redigido pelo geógrafo alemão Reinhard Maack, pode-se ler o objetivo da publicação:

*A presente obra versa sobre o trabalho colonizador, econômico e cultural dos descendentes alemães, que, por sua integração na sociedade brasileira, muito contribuíram para a prosperidade e o desenvolvimento do Estado do Paraná. Justamente agora, por sua enorme ascensão econômica realizada no curto espaço de 20 anos, atraiu as atenções do mundo. Talvez nenhuma parte da América do Sul possa apresentar o rápido desenvolvimento do Norte do Paraná, ou mesmo algo semelhante à brusca mudança do panorama da cidade de Curitiba. Nesta evolução sem precedentes aparecem, com destaque, elementos de origem germânica. Assiduidade, privações, suor e sangue constituíram as pedras legadas pelos elementos teutos à construção do Estado do Paraná. Para mostrar as raízes desta cooperação, elaborou-se “O PARANÁ E OS ALEMÃES”, que é uma obra científica (Maack, in Aulich, 1953, p. 5).*

<sup>4</sup> A cópia deste relatório foi fornecida pela Biblioteca do Instituto de Economia Agrícola do Estado de São Paulo.

<sup>5</sup> Esse termo foi cunhado na década de 1920 por Robert Sieger, geógrafo austríaco, para designar a população de descendentes de imigrantes “alemães” que, no século XVIII, ocuparam áreas situadas no Sudeste da Europa (Stein, 2011).

No fragmento acima, os três termos, “alemães”, “germânicos” e “teutos” são sinônimos que identificam, de forma unificada, os indivíduos que se fixaram no Estado em diferentes contextos históricos. Estes são caracterizados de maneira positiva, como elementos que contribuíram ou cooperaram para o progresso do Estado. Ao final, Maack afirma que se trata de uma obra científica, o que pode ser tomado como ponto de partida para uma reflexão sobre as maneiras utilizadas para legitimar este discurso que institui a identidade “germânica” para determinados habitantes do Paraná.

Outro aspecto que pode ser analisado encontra-se na introdução, na qual Aulich menciona a publicação no contexto dos debates acerca do processo de “assimilação” e “aculturação” de imigrantes à sociedade nacional brasileira durante e logo após o Estado Novo. Nesse sentido, o estudo poderia abordar as relações entre o autor e pesquisadores como Emilio Willems (1980), Carlos Fouquet (1974) e Egon Schaden, e a constituição da categoria “teuto-brasileira” para identificar os descendentes de “alemães” no Estado, como se pode ler no fragmento abaixo.

*Foi iniciado o tratado histórico “O Paraná e os alemães” com a intenção de materializar um trabalho científico. Os conceitos de “assimilação”, “marginalidade” e “aculturação”, encontradiços em todo o percurso deste trabalho, são fórmulas sociológicas cunhadas e empregadas sobretudo por sociólogos e antropologistas americanos, e susceptíveis de interpretações assaz variadas. O autor do presente estudo serviu-se destes conceitos já há muito incorporados também na literatura científica brasileira como meios de expressão sociológica. Dispensou-se, porém, de uma interpretação explícita dos mesmos, uma vez que as peculiaridades conceptuais destes termos decorrem com suficiente clareza dos respectivos contextos (Aulich, 1953, p. 9).*

No primeiro capítulo, há mais elementos que permitem perceber o olhar do autor acerca do processo de entrada de imigrantes no Paraná.

*Há cento e trinta anos, aproximadamente, chegaram os primeiros alemães ao Estado do Paraná. Excluídos os eventos mais recentes da evolução colonizadora: o surto agrícola do Norte do Paraná; as colonizações dos húngaros-alemães, os suábios do Danúbio (Donauschwaben) das redondezas de Guarapuava; e as povoações dos menonitas, – só poucas ondas de imigração coletiva têm se verificado nesse lapso de tempo, embora sempre, em fluxo quase que ininterrupto, aparecessem grupos mais ou menos pequenos de imigrantes alemães. De certo modo, a corrente imigratória alemã ao Paraná*

*nunca estagnou nesse período, considerando-se que imigrantes individuais ou famílias isoladas nunca deixavam de chegar, estabelecendo-se aqui e acolá em algum dos municípios (Aulich, 1953, p. 11).*

Trata-se de uma narrativa que confere uma unidade aos “alemães” por meio da construção de um processo histórico contínuo. Na sequência, Aulich apresenta uma estimativa do número de “germânicos” que viviam no Estado. De acordo com ele, em 1950 havia 2.148.949 habitantes no Paraná, dos quais “[...] não seria exagero contar o elemento germânico atual no Paraná em 160.000 – ‘por baixo’” (Aulich, 1953, p. 12).

Tomando como ponto de referência esse processo histórico, Aulich define o conceito “elemento germânico” da seguinte forma:

*Orientando-se as nossas pesquisas em diretrizes primordialmente históricas, força é que o conceito de “elemento germânico” seja determinado e apreciado pelos seus conteúdos históricos, acentuando-se o aspecto cultural. Entendemos, pois, por “elemento germânico” qualquer pessoa cujas manifestações individuais, tais como se expressam na formação de sua vida pessoal e na sua atitude perante a vida, são cunhadas nos moldes da cultura norte-europeia de estampa germânica. Posto que realidades raciais, étnicas e genealógicas sempre estejam presentes a codeterminar o fenômeno do “elemento germânico”, as mesmas não poderão prevalecer na nossa definição, por não serem decisivas em si (Aulich, 1953, p. 12).*

A leitura desse fragmento levanta duas questões que podem ser encaradas como possibilidades de pesquisa: (a) Considerando que Aulich afirma que os aspectos raciais, étnicos e genealógicos não são os elementos preponderantes para se definir a identidade germânica, quais seriam então as características da “cultura norte-europeia de estampa germânica?” (b) Por que a opção pelo viés cultural para identificar os “elementos germânicos” tanto na Europa quanto no Paraná?

Na página seguinte, há mais detalhes sobre como Aulich compreende o “elemento germânico” no Paraná a partir de uma “perspectiva da história cultural”.

*Sendo nossa incumbência o estudo e a análise das particularidades do elemento germânico no seu desenvolvimento, tal como se nos depara no Paraná, e empenhados que estamos em acompanharmos um processo histórico que em obediência à natureza, diversas e variadas fases terá que percorrer – através da mui debatida situação caracterológica intermediária da marginalidade em*

*direção a uma possível aculturação bem sucedida – força é delinear o “amplamente” o nosso conceito de “elemento germânico”. A nossa definição deve abranger a todos os elementos de procedência alemã, no sentido mais amplo, incluindo até mesmo aqueles que já não se dão conta das conjunturas e dos entrelaçamentos histórico-culturais em torno da sua origem; o nosso ensaio terá que abrangê-los, nem que já não falem e não entendam o idioma alemão, pouco importando os seus sobrenomes, e muito menos seus nomes, que podem ser brasileiros; não importam a sua nacionalidade originária e atual, sua religião, credo político e a cor da tez, desde que eles mesmos ou os seus ancestrais tenham vindo de fora do Paraná com os traços da cultura alemã. Vamos de um extremo ao outro – do imigrante de hoje, novato que ainda não sabe nada do Brasil, ao cidadão brasileiro de origem teuta que só conhece a sua pátria brasileira e que já não sabe nada da longínqua Alemanha (Aulich, 1953, p. 13).*

Como se pode perceber, trata-se de uma concepção ampla do que caracterizaria o “elemento germânico”. Para Aulich, poderiam ser enquadradas nesta identificação as pessoas que imigraram diretamente da Alemanha, os descendentes de “alemães” que residiam em outras partes da Europa e da Rússia e os descendentes de imigrantes “alemães” oriundos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina que se fixaram especialmente no Sudoeste e Oeste do Paraná. Diante disso, outra possibilidade de análise que essa fonte permite seria a reflexão acerca da construção, por intelectuais como Aulich, de uma identidade alemã que procura englobar até mesmo pessoas que “não teriam consciência” de seu pertencimento ao grupo germânico.

Ao final do capítulo, Aulich ressalta o caráter parcial deste estudo, “[...] pois os imigrantes não só traziam alguma coisa consigo, suas qualidades de origem inatas e adquiridas, mas também no Paraná encontraram situações já existentes” (Aulich, 1953, p. 18). Ou seja, é uma perspectiva em que o imigrante, ao sair de sua terra natal, seria pertencente a uma unidade cultural. Ao entrar no Paraná, sua cultura teria se transformado a partir do contato com o novo ambiente natural e social. Essa transformação é discutida nos capítulos que se seguem, nos quais Aulich constrói uma narrativa em que o clima, relevo e vegetação são interpretados em relação aos imigrantes e migrantes germânicos. É o que se pode ler, por exemplo, na seguinte afirmação sobre a Colônia Entre Rios, formada pelos imigrantes suábios do Danúbio: “Reina um clima quase europeu naquele planalto, situado a cerca de 1.200 metros acima do nível do mar [...]” (Aulich, 1953, p. 44).

Outras possibilidades de análise que o livro permite relacionam-se aos usos dos termos “colonos”, “camponeses”

e “lavradores” e à constituição de colônias mistas, formadas por imigrantes de diferentes nacionalidades. No caso do uso destes termos, para Aulich, isso dependeria da forma como o trabalho é realizado no campo. Por exemplo, o termo “colono” não seria adequado para identificar os suábios do Danúbio, “[...] já que não se viram obrigados a cultivar as terras novas de sua nova pátria à maneira primitiva dos desbravadores. Já não tiveram que recorrer a mulas a fim de se dirigirem ao trabalho e tampouco dependeram de marchas longas ao saírem de manhã e voltarem à noite” (Aulich, 1953, p. 45).

Sobre a relação entre os alemães e outros grupos, a avaliação de Aulich é apresentada de forma mais clara quando cita a Colônia Federal de Cruz Machado, no Sul do Estado do Paraná. “Os resultados colhidos em tais colônias mistas demonstram de qualquer modo que o novo imigrante, como colono, progride melhor quando realiza seu pesado trabalho de início em meio de elementos do mesmo tipo, no que concerne à cultura, religião e língua, isto é, em meio de um grupo étnico homogêneo” (Aulich, 1953, p. 52).

No quinto capítulo, Aulich cita os aspectos que, segundo ele, devem ser levados em consideração ao se interpretar a “[...] história do elemento germânico no interior do Paraná, em determinadas épocas de sua evolução e suas transformações” (p. 61). A discussão engloba a percepção de dois sentimentos, que Aulich sintetiza por meio das expressões “anseio pelo novo” e “apego ao velho”, que influenciam na velocidade e na forma de adaptação do imigrante ao novo ambiente. Trata-se, portanto, de uma interessante análise que possibilita refletir acerca das concepções sobre a existência de uma suposta “cultura alemã” que é trazida pelos imigrantes e se transforma no novo ambiente. Nesse sentido, o livro pode servir como ponto de partida para investigar as narrativas produzidas nas localidades que estavam sendo formadas nas diferentes áreas do Estado do Paraná a partir da segunda metade do século XX.

Em 1980, em função dos 150 anos da imigração alemã para o Paraná, foi publicado o livro “A colaboração germânica no Paraná nos últimos 50 anos: 1929-1970”, de Helmuth Abeck. Nascido em Itajaí, Santa Catarina, em 1916, Abeck foi um dos principais autores de publicações que versam sobre a presença de alemães no Paraná. Além disso, constituiu o Arquivo da Imigração Alemã no Paraná, que atualmente se encontra no Museu da Cooperativa Agrária, em Guarapuava, Paraná.

Na apresentação do livro, Abeck procura explicar o motivo para a sua elaboração:

*Decorridos mais de trinta anos desde o término da Segunda Grande Guerra, aqui no Brasil certas conse-*

*quências, em sua maioria de ordem psicológica, ainda não foram superadas. Aproximadamente cinco milhões de descendentes dos antigos imigrantes alemães, austríacos e suíços sofrem, ainda hoje, os efeitos dos traumas provocados por aquela convulsão bélica. Uma parte desse contingente já não fala e entende mais o idioma alemão, tendo sido prematuramente aculturada e tendo, com isso, atirado fora, por medo ou falta de coragem civil, valores culturais inestimáveis, para maior prejuízo do país. Todos eles são brasileiros integrais, que amam extremamente a sua pátria e contribuem para o engrandecimento da mesma, como todos os demais concidadões [sic] de outras origens. Todavia, poderiam ser cidadãos [sic] ainda melhores, ainda muito mais úteis à sua pátria, se houvessem conservado o nível cultural mais elevado, legado pelos seus ancestrais (Abeck, 1980, p. 7).*

Neste fragmento, a interpretação sobre a “cultura alemã” é a de que esta teria decaído entre os descendentes de alemães em função da Segunda Guerra Mundial e de uma “aculturação forçada”. Chama à atenção a concepção que pressupõe a existência de uma hierarquia cultural. Isso pode ser percebido na sequência, em que Abeck classifica o “povo brasileiro” em duas categorias:

*A mentalidade das camadas superiores do povo brasileiro, hoje em dia, é liberal, esclarecida e amadurecida. As erupções de um nacionalismo exagerado ou de extremo nativismo, tão comuns antes e durante o conflito, estão totalmente superadas. [...] Encara-se a multiplicidade de culturas como aquilo que realmente é: uma riqueza para a nação. Das antigas leis repressivas, porém, muitas ainda continuam em vigor, continuam causando malefícios.*

*Na massa do povo mais simples, de nível cultural mais baixo, existem, todavia, jacobinos e chauvinistas, os quais, apesar de jamais terem feito sacrifícios reais por sua pátria, sentem-se como grandes patriotas quando podem censurar, a plenos pulmões, uma simples palavra dita em público, incompreendida e mal interpretada, inflando situações banais, mas que lhes pareçam suspeitas, e participando de campanhas difamatórias, como as que, infelizmente, são postas em circulação com frequência, enfim, fazendo sensacionalismo de qualquer forma. Não percebem eles quanto dano, com isto estão causando à nação (Abeck, 1980, p. 7-8).*

Não é, portanto, entre os membros de uma elite brasileira que se encontram os indivíduos que impedem a

manifestação “cultural alemã”, mas na “massa do povo mais simples”. Na sequência, Abeck caracteriza o “brasileiro de origem germânica” de forma homogênea em função de seu comportamento após a Segunda Guerra Mundial:

*O brasileiro de origem germânica, ainda traumatizado pelos vexames sofridos durante a guerra, deixa-se intimidar com demasiada facilidade. Para não ser considerado como brasileiro de segunda categoria, ou até mesmo mau brasileiro, o cidadão de origem teuta evita meticulosamente toda e qualquer alusão à sua descendência, chegando até a fazer coro comum com os perseguidores. Com isto se omite no aproveitamento, para si e para a coletividade, dos seus talentos inatos, que uma bondosa fada lhe colocou no berço na hora do nascimento.*

*O esclarecimento de tais mal-entendidos; mostrar à coletividade como realmente é o teuto-brasileiro; mostrar o que ele realizou; quais as suas características básicas, eis a finalidade deste trabalho (Abeck, 1980, p. 08).*

O final deste fragmento indica de forma clara os objetivos do livro. Entre eles, chama a atenção o fato de tratar a identidade “teuto-brasileira” como singular. Em suas 94 páginas são apresentadas informações sobre as Sociedades Alemãs que existiam no Paraná, antes e após a Segunda Guerra Mundial, as manifestações da “vida cultural teuto-brasileira” no Paraná, considerações sobre a importância do Instituto Hans Staden, de São Paulo, e a *Verein für das Deutschtum im Ausland – VDA*,<sup>6</sup> (Sociedade para a Germanidade no Exterior), de Stuttgart, Alemanha e sobre a situação do “teuto-brasilianismo” do período (1980).

Com relação ao Instituto Hans Staden, a narrativa de Abeck se limita a ressaltar que este [...] estabelece um sólido alicerce para todo e qualquer trabalho de cultura e intercâmbio cultural em todo o Sul do Brasil [...]” (Abeck, 1980, p. 70). Acerca das ações da VDA, Abeck afirma que a instituição contribui para “[...] manter elevado conceito, no mundo, dos valores culturais alemães, prestando assistência a centenas e a milhares de pessoas em todas as partes do Brasil, com distribuição gratuita de literatura e outros materiais” (Abeck, 1980, p. 71). No caso do Paraná, uma interessante possibilidade de pesquisa seria analisar as relações entre as diferentes associações existentes no Estado e a instituição alemã no período da elaboração do livro de Abeck.

Acerca da “vida associativa teuto-brasileira” em 1980, Abeck apresenta a seguinte interpretação:

<sup>6</sup> De acordo com Arendt (2011), esta instituição alemã foi criada em 1908, em substituição à Associação/Sociedade Escolar para a Preservação da Germanidade no Exterior (*Allgemeiner Schulverein zur Erhaltung des Deutschtums im Ausland*), criada em 1881.

*Existem, ainda, varias associações, é verdade, mas o interesse pelos assuntos relacionados à cultura germânica, em muitas delas, está diminuindo, e os seus quadros sociais estão constantemente baixando. E o que é mais lastimável é, sobretudo, a ausência da juventude, a qual prefere trilhar os seus próprios caminhos. Apenas alguns grupos folclóricos ainda conseguem congregiar jovens, e estes geralmente das camadas menos favorecidas, porque lhes são oferecidas [sic] entretenimentos adicionais, como viagens, festas e outras mais. Também nas bibliotecas e nos salões de leitura das sociedades germânicas, hoje em dia, podemos constatar a diminuição do interesse pela cultura alemã. [...] A continuar esta marcha poderá acontecer que, em breve, as expressões da cultura germânica, entre nós, passam a se limitar apenas às “festas de cerveja”, as quais estão sendo realizadas nos moldes da Oktoberfest de Munique, em quase todas as sociedades, e mesmo nas de outras etnias (Abeck, 1980, p. 83).*

Ou seja, trata-se de uma visão pessimista acerca do futuro da “cultura alemã” no Estado. Além da suspeita em relação aos grupos folclóricos, o que chama a atenção é a crítica às “festas de cerveja” e à “Oktoberfest” e às “festas alemãs”, eventos realizados em alguns municípios do Estado, como Marechal Cândido Rondon, Rolândia, Missal, e considerados como expressões da manutenção da “cultura alemã” nestas localidades. Uma pergunta que pode ser feita é o que caracteriza a “cultura alemã”, cuja preservação é reivindicada por Abeck, já que a capa do livro é ilustrada por uma fotografia de um grupo folclórico suábio.

Concluindo, nestas duas obras se encontram exemplos de narrativas que possibilitam investigar a construção de representações sobre “os alemães”, os “germânicos” no Brasil, os brasileiros, os “teuto-brasileiros” e paranaenses elaboradas após 1945. São narrativas que caracterizam

de forma unificada indivíduos e seus descendentes que vieram de diferentes lugares da Europa e do Brasil e se estabeleceram no Estado do Paraná. Tais identificações devem ser analisadas levando em consideração os seus lugares e momentos de produção – o que implica analisar as semelhanças e diferenças entre as duas publicações, bem como as relações com outros textos que abordam o tema – e suas relações com outros discursos e práticas em uma perspectiva que leve em conta os contextos históricos nacionais e internacionais.

## Referências

- ABECK, H. 1980. *A colaboração germânica no Paraná nos últimos 50 anos (1920-1979)*. Curitiba, CRM, 104 p.
- ARENDT, I.C. 2011. Um periódico para escolas alemãs no exterior e a produção cultural de e(i)migrantes na América Latina. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA-ANPUH, XXVI, São Paulo, 2011. *Anais...* Universidade de São Paulo, p. 1-13.
- AULICH, W. 1953. *O Paraná e os alemães: estudo caracterológico sobre os imigrantes germânicos*. Curitiba, Editado pela Comissão de Festas do Grupo Étnico Germânico do Paraná, 108 p.
- ELFES, A. 1971. *Suábios no Paraná*. Curitiba, [s.n.], 115 p.
- FOUQUET, C. 1974. *O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil: 1808 - 1824 - 1974*. São Paulo/ São Leopoldo, Instituto Hans Staden/Federação dos Centros Culturais 25 de Julho, 263 p.
- HALL, S.; SILVA, T.T. da; WOODWARD, K. 2000. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Vozes, 134 p.
- MARTINS, R. 1995. *História do Paraná*. Curitiba, Farol do Saber, 471 p.
- NADALIN, S. O. 2001. *Paraná: ocupação do território, populações e migrações*. Curitiba, SEED, 107 p.
- STEIN, M.N. 2011. *O oitavo dia: produção de sentidos identitários na Colônia Entre Rios-PR*. Guarapuava, Unicentro, 288 p.
- WILLEMS, E. 1980. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. 2ª ed., São Paulo, Cia. Editora Nacional, 465 p.

Submetido: 01/04/2013

Aceito: 30/04/2013